

II Simpósio de Tradução Teatral (STT)

O tradutor de teatro em questão: agência criativa, política e artística



6 e 7 de fevereiro de 2023

local: UFPR Reitoria, prédio Dom Pedro I - anfiteatro 400
Rua General Carneiro, 460 - Curitiba

Inscrição para ouvintes: [LINK](#) ou durante o evento.

Ouvintes ganham certificado de participação.

Sobre o simpósio

Traduzir não é uma atividade neutra. A tradução nunca é “fiel” ao texto de partida, mas sempre à leitura que o tradutor ou a tradutora faz de algum texto “original”. E essa leitura depende fortemente do contexto histórico, político, ideológico em que se insere a pessoa incumbida com um projeto tradutório. Como bem lembra o estudioso e crítico de teatro Mark Fortier, “ignorar a posição de onde alguém fala tornou-se algo ingênuo” (2002, p. 13, tradução nossa). Partindo dessa premissa, o II Simpósio de Tradução Teatral pretende refletir, discutir e repensar os possíveis papéis de tradutores de teatro na cadeia interpretativa do mundo teatral. Como tradutores de teatro posicionam-se ou como são posicionados, no âmbito de seu trabalho e/ou na encenação de uma peça traduzida? Que tipos de envolvimento tradutores de teatro têm, em seu contexto, com o grupo teatral? Há remuneração pela tradução? Traduz-se por afinidade com o assunto, texto de partida ou dramaturgo ou dramaturga? Traduz-se para sobreviver? Como passatempo? Como forma de militância política? Para fins acadêmicos ou comerciais? Sob pressão de tempo ou até sob algum tipo de censura? Sozinho ou em formato colaborativo? E, afinal, como esses fatores influenciam o processo e o produto da tradução? Neste simpósio, reunimos apresentações que refletem sobre as condições, liberdades e restrições envolvidas na tradução de teatro para além das questões que se referem aos níveis micro e macrotextual. O evento com apresentações e duas oficinas de viés mais prático dará continuidade às conversas realizadas no âmbito do I Simpósio de Tradução Teatral, que ocorreu em 2020 na UFSC de forma virtual, sob o título “A tradução teatral em questão: a diversidade na teoria, nos métodos e na prática”.

As organizadoras

Ruth Bohunovsky, UFPR
Alinne Balduino Pires Fernandes, UFSC

PROGRAMAÇÃO

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2023

9h45

Abertura do Simpósio: Ruth Bohunovsky (UFPR)

Ruth Bohunovsky possui graduação em Estudos da América Latina pela Universidade de Viena (1996), mestrado em Estudos da América Latina pela Universidade de Viena (1997) e doutorado em Lingüística Aplicada (Tradução) pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Pesquisas de pós-doutorado nas Universidades de Campinas, de Santa Catarina, de Viena e de Graz. Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Paraná e bolsista CNPQ (PQ-2). Tem experiência nas áreas de Estudos da Tradução e Ensino de Alemão como Língua Estrangeira atuando principalmente sobre os seguintes temas: Tradução de textos teatrais, tradução do cômico, Alemão como Língua Estrangeira no Brasil, literatura austríaca, Thomas Bernhard, Elfriede Jelinek. É coordenadora do Centro Austríaco na UFPR.

Apresentações

10 horas – 10h20

Vereda da salvação, de Jorge Andrade, por Zbigniew Ziembinski

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Zbigniew Ziembinski e Jorge Andrade, por certo, dispensam apresentação entre estudiosos do palco brasileiro. Nomes de peso em nossa modernização teatral – o primeiro nos domínios da encenação e da atuação, o segundo, na dramaturgia. Donos de trajetórias marcantes, repletas de realizações artísticas de primeira grandeza, não por acaso Ziembinski e Andrade cedo conquistaram a devida aclamação, instigando até hoje vivo debate e rica pesquisa especializada. Como se sabe, a montagem polonesa de *Vereda da salvação* no *Teatr Współczesny*, em Varsóvia, que estreou dia 19 de março de 1964, sob a direção ziembinskiana, precedeu em alguns meses a primeira encenação brasileira da peça, dirigida por Antunes Filho, que só entrou em cartaz no TBC no início de julho daquele mesmo ano. Graças às investigações pioneiras de Yan Michalski (em seu indispensável *Ziembinski e o teatro brasileiro*, de 1995), dispomos atualmente de algum conhecimento sobre o espetáculo realizado na Polônia e sua repercussão crítica. Mas além da direção de *Ścieżka zbawienia*, Ziembinski também se incumbiu, em parceria com Małgorzata Hołyńska, da tradução do texto de Jorge Andrade para o polonês. A presente comunicação tem por objetivo um breve exame dessa empreitada, conjugando, para tanto, duas perspectivas de análise: a dos estudos da tradução e a da história do teatro.

Palavras-chave: Vereda da salvação; Jorge Andrade; teatro brasileiro moderno na Polônia; Zbigniew Ziembinski; tradução teatral.

Marcelo Paiva de Souza é bacharel em Letras Português (1993) e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1996), doutor em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagielloński, de Cracóvia, Polônia (2000). Professor do Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e tradutor. Bolsista PQ-2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

10h20 – 10h40

Dramaturgia da tradução: o papel estético-ideológico do tradutor de teatro

Amanda Bruno de Mello (UFSC)

Para além do sentido evidente de escrita de um texto teatral, na segunda metade do século XX o termo ‘dramaturgia’ ganhou novas conotações, em especial devido à ascensão da figura do encenador e ao trabalho de Bertolt Brecht. Em particular, a dramaturgia passou a englobar também a articulação entre o mundo e a cena, função que passa pela concepção ideológica e estética tanto do texto quanto da montagem e que prepara a encenação (PAVIS, 2008). Vista sob essa ótica, ela é uma reflexão que está presente em todos os níveis do teatro (DORT, 1986), da qual se ocupam todos os agentes que montam uma peça (SCANLAN, 2020). Ora, ainda que seu grau de proximidade com a encenação possa variar, o tradutor de um texto teatral também é um agente da montagem e, portanto, também se ocupa da dramaturgia, e sua concepção estético-ideológica pode se aproximar ou se distanciar daquela do autor do texto de partida. Este trabalho propõe uma reflexão sobre o conceito de dramaturgia da tradução a partir da análise de *Brincando em cima daquilo* (1984), tradução de Roberto Vignati e de Michele Piccoli da peça *Tutta casa, letto e chiesa* (1977), de Dario Fo e Franca Rame.

Palavras-chave: Tradução de teatro; Dramaturgia da tradução; Dario Fo; Franca Rame.

Amanda Bruno de Mello é doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Concentra suas pesquisas nas áreas de tradução, tradução pedagógica, tradução de teatro e estudos de gênero. Tanto no mestrado quanto no doutorado, se dedicou ao estudo das traduções da obra dos dramaturgos italianos Franca Rame e Dario Fo no Brasil.

10h40 – 11 horas: debate
11 horas – 11h15: intervalo

11h15 – 11h35

Texto e Contexto na Tradução Teatral

Cláudia Soares Cruz (PUC-Rio)

A tradução de textos teatrais que visa à cena envolve diversas questões que extrapolam os aspectos linguísticos inerentes a qualquer processo tradutório. Sendo assim, é fundamental expandirmos nosso olhar para além do texto e incluir o contexto da cena teatral no qual a montagem será realizada. São inúmeros os aspectos envolvidos na encenação de qualquer texto e os profissionais que dela participam, afinal o teatro é arte coletiva. Quando se trata de um texto estrangeiro, há ainda mais uma pessoa envolvida, aquela que traduz o texto de partida para o idioma e o contexto de chegada. Por isso, penso ser interessante refletir a respeito das relações que se estabelecem entre o tradutor ou tradutora de um texto teatral e a sua encenação, e das possíveis contribuições que eles têm a oferecer. A partir da tentativa frustrada de encenação do texto inglês *The Pitmen Painters*, de Lee Hall, no Brasil, e utilizando algumas abordagens e conceitos da vertente sociológica dos Estudos da Tradução, apresento reflexões a respeito da cena teatral brasileira e do papel dos tradutores no processo de encenação.

Palavras-chave: tradução teatral; encenação; dramaturgismo; dramaturgia.

Cláudia Soares Cruz é formada em Teoria do Teatro pela UNIRIO, com monografia final intitulada *Traduzir Hamlet*, e mestrado em Artes Cênicas na mesma instituição, onde deu continuidade à sua pesquisa sobre tradução teatral com a dissertação *Aspectos da Tradução de Escrita Dramática: Tradução Comentada de Lobby Hero*. Recentemente defendeu sua tese de doutorado intitulada *A tradução teatral além do texto: traduzindo The Pitmen Painters*, na PUC-Rio.

11h35 – 11h55 horas

O texto a partir daquela que o traduz em *A armadilha de Medusa*

Marina Bento Veshagem (UNIRIO)

Esta apresentação quer lançar um olhar para o tradutor de teatro partindo de uma experiência particular. Durante o mestrado em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina, propus uma tradução, do francês para o português, da única peça de teatro escrita pelo músico Erik Satie, *Le piège de Méduse* (1913). O texto *nonsense*, considerado precursor do dadaísmo, recebeu o título de *A armadilha de Medusa* em minha tradução e, em seguida, foi publicado pela Rafael Copetti Editor (2016). No mesmo ano, minha companhia de teatro, Elefants, realizou uma montagem do texto – na estética do grotesco e refletindo o momento político da época –, que estreou em Florianópolis, em evento patrocinado pela Aliança Francesa. Nesse caminho aqui descrito, a tradutora do texto publicado de *A armadilha de Medusa* também foi a produtora que vendeu a estreia da montagem, além de ter sido atriz e assistente de direção nessa encenação. Partindo dessa experiência, este trabalho busca refletir, primeiro, sobre as forças que movimentaram essa tradutora. Segundo, também quer pensar em como trabalhar a tradução em todas as suas instâncias, mas especialmente a da encenação, a partir do viés do ritmo no corpo de quem traduz, produz e encena esse texto.

Palavras-chave: tradução; teatro; Satie.

Marina Bento Veshagem é tradutora, atriz profissional e professora. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina com a tese “Ritmos do discurso do poder em *Macbett*: uma tradução da peça de Eugène Ionesco”. Como tradutora publicou *A armadilha de Medusa* (2016), de Erik Satie, pela Rafael Copetti Editor, resultado de sua pesquisa de mestrado. Esta peça foi encenada pela Elefants Companhia de Teatro, de Florianópolis, e estreou em 2016, da qual participou como atriz e como assistente de direção. A publicação da tradução de *Macbett* está prevista para 2023, pela editora Temporal. Atualmente é integrante de duas companhias de teatro em Florianópolis, a Cia Bruta Flor e a Ciclopatas, e acaba de iniciar um pós-doutorado na UNIRIO, com a proposta de traduzir peças de Alfred Jarry.

11h55 – 12h15: debate

12h15 – 14h30: almoço

14h30 – 17h30 (com intervalo): OFICINA

A tradução do texto teatral como processo coletivo

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UnB)

Esta oficina tem como objetivo apresentar as experiências do coletivo de teatro **En classe et en scène** e do grupo de pesquisa Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas (**LEDrac**) no que diz respeito a processos de construção coletiva da tradução do texto dramático. A oficina compreende um primeiro momento de apresentação dos trabalhos realizados no âmbito dos dois grupos e um segundo momento de prática.

Maria da Glória Magalhães dos Reis é professora associada do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB). Realiza pesquisas sobre as dramaturgias contemporâneas na África subsaariana de língua francesa, o teatro bilíngue (português-Libras, português-francês) e as temáticas interdisciplinares envolvendo as áreas de Literatura, Educação e Teatro. Fez pós-doutorado em Teatro e Educação na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (2016) e desde 2018 desenvolve estudos em parceria com o Laboratório SeFeA - Scènes Francophones et Ecritures de l'Altérité - dirigido por Sylvie Chalaye, da Université Sorbonne Nouvelle Paris III.

Terça-feira, 7 de fevereiro

9 horas – 9h20

WIR SEHEN FERN, ABER WIR SIND ES NICHT – UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARASITÁRIA DO TEATRAL NACH NORA, DE ELFRIEDE JELINEK

Tassia Kleine (UFPR)

O presente trabalho tem como objetivo discutir uma proposta de tradução para o texto teatral *Nach Nora*, publicado em 2013 pela autora austríaca Elfriede Jelinek. Buscaremos justificar aqui a opção por uma tradução que se poderia chamar de *parasitária* – nomenclatura que encontra sua origem em declaração da própria autora: ao reagir a uma crítica a seus textos, Jelinek aponta como o conceito de drama parasitário (*Parasitärdrama*), empregado em tom acusatório para classificação de parte de sua produção, poderia ser ideal para designação de seus escritos pensados para o palco. O adjetivo “parasitário” se refere, na perspectiva de Jelinek, ao procedimento pelo qual seus textos têm sua matéria extraída da *realidade*: a criação literária seria constituída de modo bastante sólido e direto por tudo aquilo que a autora conseguiria capturar da realidade, “amalgamado, purificado e filtrado” pela opinião alheia. Aquilo que se capta e se registra pela escrita é matéria que se colocou à disposição da autora e da comunidade a que ela pertence como informação e que, combinado, revelará certas incongruências da mesma realidade que alimentou o texto. Neste sentido, apresentaremos aqui processos tradutórios pelos quais se privilegia o reconhecimento da abrangente crítica social proposta pelo texto, em detrimento, eventualmente, do reconhecimento de seu contexto de origem – medida que se justifica sobretudo em uma tradução pensada para o palco.

Palavras-chave: *Nach Nora*; Elfriede Jelinek; texto teatral; tradução teatral.

Tássia Kleine é bacharel em Letras (Português e Alemão), com ênfase em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná (2010) e mestre em Letras, na área de concentração Estudos Literários e na linha de pesquisa Espaço Literário, Margens e Fronteiras, pela mesma instituição (2015). Durante o mestrado, recebeu bolsa do DAAD para pesquisar na Ludwig-Maximilians-Universität München pelo período de um semestre. Atualmente é doutoranda em Letras pela UFPR e professora de Português - Língua e Literatura no Colégio Suíço-Brasileiro de Curitiba.

9h20 – 9h40

A tradução do teatro de Elfriede Jelinek: um exemplo de tradução feminista na prática

Gisele Eberspächer (UFPR)

O presente trabalho pretende discutir a prática da tradução feminista em peças teatrais da escritora austríaca Elfriede Jelinek para o português brasileiro dentro do âmbito acadêmico. Para tanto, será feita uma breve apresentação do campo teórico dos Estudos Feministas da Tradução, passando por autoras como Louise von Flotow, Susan Bassnett e Gayatri Chakravorty Spivak, entre outras, assim como uma breve exposição da obra da escritora austríaca e suas principais características. Como exemplos de prática, o trabalho toma como corpus a tradução das peças de Jelinek *O que aconteceu depois de Nora ter deixado a Casa de Bonecas, ou os Pilares das Sociedades* (traduzida em conjunto com Angélica Neri, Luiz Carlos Abdala e Ruth Bohunovsky e atualmente em prelo), e as traduções em andamento de *Die Schutzbefohlenen*, *Über Tiere* e *FaustIn and Out*. Entre as estratégias feministas de tradução estão a tradução coletiva, a maneira de se lidar com a tradução do cômico e escolhas quanto à flexão de gênero.

Palavras-chave: Estudos Feministas da Tradução, Elfriede Jelinek, tradução teatral

Gisele Eberspächer é formada em Jornalismo e em Letras. É mestre e doutoranda em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná. Começou a traduzir em 2014 com obras de H.P. Lovecraft. Desde então, traduz textos jornalísticos e literatura do inglês e do alemão, passando por autores como as austríacas Ingeborg Bachmann, Elfriede Jelinek e Ida Pfeiffer e a inglesa Jen Campbell. Publicou a tradução da peça *O Presidente*, de Thomas Bernhard, feita em parceria com Paulo Rogério Pacheco Júnior e supervisão de Ruth Bohunovsky, pela Editora UFPR e o romance *O Passageiro*, de Ulrich Alexander Boschwitz, pela editora DBA. Sua pesquisa de doutorado investiga a multiplicidade de vozes teóricas que ressoam na prática de tradução do cômico na obra teatral da escritora austríaca Elfriede Jelinek. Para tanto, faz atualmente um estágio de pesquisa no *Interuniversitärer Forschungsplattform Elfriede Jelinek*, em Viena.

9h40 – 10 horas: debate
10 horas – 10h15: intervalo

10h15 – 10h35

Palavra palimpsesto: da tradução à preparação de *Die Zeit und das Zimmer*, de Botho Strauss

Fernanda Boarin Boechat (UFPA)

O processo de tradução move diversas discussões, a exemplo da debatida ideia de fidelidade ao possível original, também sobre aspectos políticos, históricos, ideológicos e até comerciais. Quando se considera a tradução do texto dramático, a complexidade toma uma proporção ainda maior, uma vez que se trata de um texto produzido para ser encenado. Assim, se é possível reconhecer o ato tradutório como uma primeira recepção crítica, será também a preparação do texto traduzido para montagem da peça um alargamento desse processo de recepção, antes mesmo de sua apresentação e recepção pelo público. Na presente comunicação, pretendo apresentar as características do encargo da tradução da peça *Die Zeit und das Zimmer*, do escritor alemão Botho Strauss, e o diálogo com um grupo de teatro que está em processo de montagem da peça. O envolvimento com os atores, também leitores da tradução – aqui, os primeiros leitores da referida tradução –, em consideração aos aspectos que devem ser observados ao ter em mente a recepção do texto pelo público brasileiro, encena a potencialidade da palavra em literatura, que encontra no gênero dramático espaço para os desdobramentos do palimpsesto semântico da palavra graças aos diferentes processos de recepção que o caracteriza.

Palavras-chave: tradução teatral; Botho Strauss; teatro alemão.

Fernanda Boarin Boechat é doutora e Mestre em Letras – Estudos Literários –, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduou-se em Letras Português e Alemão, com ênfase em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua como professora Adjunta no Curso de Licenciatura em Letras-Alemão da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Belém. É líder do Grupo de Pesquisa “Mobilidades literárias: literatura e construções (inter)culturais” e vice-líder do Grupo de Pesquisa “Cosmos Littera”. É autora de pesquisas no âmbito dos Estudos Literários, Alemão como Língua Estrangeira (ALE/DaF) e Estudos da Tradução.

10h35 – 10h55

O teatro (pouco conhecido) de Miguel de Cervantes: vida e obra em cena

Beethoven Alvarez (UFF)

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) tem seu nome atrelado à história que compôs sobre o cavaleiro *de la Mancha*, nosso Dom Quixote; contudo, pouco conhecida é sua obra cômica. Em 1615, em Madri, publicam-se *Ocho comedias y ocho entremeses nuevos, nunca representados*, da lavra de Cervantes. O volume não angariou as melhores críticas. Demorou para ser reconhecido. Mesmo assim, até hoje, pouco se fala de suas comédias e entremeses – e pouco se traduz. A diretora teatral niteroiense Eleusa Mancini, em 2018, projetava escrever e dirigir uma peça-biografia sobre Cervantes e, então, a falta de traduções em português de sua produção dramaturgica chamou-lhe a atenção. Daí recebi o convite de traduzir alguns entremeses e demais trechos da obra cervantina, como suas novelas e o próprio Quixote, para que compusessem o texto da peça. O espetáculo “O teatro de Cervantes” levou ao público um pouco da atribulada vida e da fantástica obra desse autor em fevereiro de 2020, no Teatro Municipal de Niterói. Nesta fala, trataré das questões que estiveram envolvidas no processo, tais como reconhecimento do tradutor, participação na composição do texto encenado, afinidades pessoais e literárias, processo colaborativo de tradução e questões de seleção e adaptação do texto ao palco.

Palavras-chave: Miguel de Cervantes, teatro espanhol, entremeses, tradução teatral.

Beethoven Alvarez é professor adjunto de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do PPG em Estudos de Linguagem (Posling/UFF). Líder do grupo de pesquisa (CNPq) Laboratório de Estudos Clássicos (LEC-UFF) e um dos coordenadores do Núcleo de Tradução & Criação (ntc/uff). Realizou estágio de pós-doutorado na University of St Andrews, Escócia (2019/2020). Possui doutorado em Linguística (Estudos Clássicos) pela Unicamp (2016), com período sanduíche na University of Oxford, Inglaterra (com bolsa CAPES, 2014). Tem interesse em: comédia romana, tradução teatral e poética (de várias línguas) e recepção clássica. Traduziu comédias do dramaturgo latino Tito M. Plauto e, para o espetáculo "O Teatro de Cervantes", de Eleusa Mancini (2020), traduziu trechos da obra de Miguel Cervantes

10h55 – 11h15

Novas perspectivas para a participação do tradutor em projetos teatrais

Alexandre Villibor Flory (UEM)

Nessa comunicação pretendo discutir três experiências de projetos teatrais, a partir de um espaço ampliado efetivamente ocupado pela tradução. A primeira experiência se deu em torno da tradução e encenação de *A exceção e a regra*, pelo TUM, Maringá. Nesse processo, a tradução foi realizada à medida que o grupo discutia a perspectiva de encenação, interferindo e sendo influenciada por ela. A segunda faz parte do projeto *Carne Viva*, que parte de argumentos da peça *Glaube Liebe Hoffnung*, de Ödön von Horváth, atualizados para o Brasil contemporâneo. A tradução visava antes expor as tensões constitutivas da peça, seguida por comentários explicativos, do que fixar um texto. A terceira experiência foi a tradução de *Hoppla, wir leben!*, de Ernst Toller, que serve a um projeto de pesquisa sobre o teatro na república de Weimar, capítulo fundamental do teatro ocidental e do brasileiro, pouco estudado e conhecido por aqui, como base para leituras dramáticas e a posterior encenação. O que articula os três projetos é uma participação ativa do tradutor nos processos de construção cênica, não se limitando a realizar uma tarefa isolada e desconectada do todo, mas articulando e influenciando os percursos.

Palavras-chave: tradução teatral, teatro brasileiro contemporâneo, teatro de língua alemã.

Alexandre Flory é doutor em literatura alemã pela Universidade de São Paulo (2006), com tese sobre a obra do austríaco Thomas Bernhard. Desde 2008 atua como professor de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM) na área de Literatura Brasileira e Teoria Literária, especialmente no campo dos estudos teatrais. É membro do GT da Anpoll Dramaturgia e Teatro, tendo participado de sua coordenação entre 2012 e 2016. Além de publicar artigos em diversas revistas e capítulos de livros, organizou os livros *Teatro e Intermidialidade* (2015), *Dramaturgia e teatro: a cena contemporânea* (2019) e *Teatro e política* (2022). Também atuou como editor da revista *Acta Scientiarum – Language and Culture*.

11h15 – 11h45: debate

11h45 – 12h: intervalo

12 horas – 12h30: reunião do grupo de pesquisa **“Tradução, teatro e colaboração”**

12h30 – 14h30 almoço

14h30 – 17h30 (com intervalo): OFICINA

A tradução de teatro como memória e assombração - experiências do texto à voz

Alinne Balduino P. Fernandes (UFSC)

A tradução de teatro é um exercício hermenêutico complexo que demanda empenhos pessoais. Por “empenhos pessoais”, refiro-me ao resgate de memórias e vivências da própria pessoa que traduz o texto teatral. Em 1961,¹ Robert Corrigan disse que o envolvimento do tradutor de teatro com o texto requer corpo e voz, ou seja, colocar-se no lugar do ator. No entanto, para além de pensar como um ator ou atriz pensaria, a tradução envolve também um movimento constante entre dois lados — o da cultura de partida e o da cultura de chegada, como bem sabemos. Acontece que olhar para a cultura de chegada pode (e talvez deva), muitas vezes, acarretar visitas a memórias de vida da pessoa que traduz. Na obra clássica de Marvin Carlson, *The Haunted Stage*, Carlson demonstra como a recepção de uma peça de teatro é afetada pelo texto em si, como palimpsesto “assombrado” por tantos outros, pelo palco, por já ter sido local de encenação de peças anteriores, e pelo corpo do ator. O teatro recicla encenações e histórias e, combinando-se a isso as memórias do público, temos, então, no momento em que os atores sobem ao palco, uma experiência povoada por fantasmas e assombrações. Complicando ainda mais essas assombrações, temos a pessoa que traduz, a primeira receptora de uma peça estrangeira a ser encenada no país e em língua local. Como dramaturgista, a tradutora dá voz ao texto com base em seu conhecimento da cultura de partida do texto de teatro, em suas adequações à cultura de chegada, mas também nas vozes de suas vivências infantis, infanto-juvenis e adultas. Com isso, proponho uma oficina em que faremos um exercício à moda do deus romano Janus, olharemos para frente e para trás. Talvez para além de Janus, olharemos para dentro de nós mesmos e dos fantasmas que nos habitam por meio de exercícios de tradução, leitura em voz alta e discussão de peças teatrais curtas. A oficina estará aberta para discentes de graduação e pós-graduação e demais pesquisadores com interesse no assunto. Trabalharemos com os seguintes pares linguísticos: inglês > português, espanhol > português e alemão > português.

Palavras-chave: tradução de teatro; assombração; memória; dramaturgista; Janus.

¹ “I feel very strongly that no one can translate for the theatre – just as no one can write for it – unless he knows what writing for the theatre is and how it differs from literature.” (Corrigan, 1961: 100) Ver também: “For them [the actors] the stage is a concrete physical place which must speak its own language – a language that goes deeper than the spoken language, a language that speaks directly to our senses rather than primarily to the mind as with the language of words.” (96) Referência completa: Robert W. Corrigan, ‘Translating for Actors’, in *The Craft and the Context of Translation: A Critical Symposium*, ed. by William Arrowsmith and Roger Sattuck (Austin, Texas: The University of Texas Press, 1961), pp. 95-106.

Alinne Balduino P. Fernandes concluiu seu doutorado em dramaturgia e tradução de teatro pela Queen's University Belfast em 2012. Desde então, traduz peças de teatro de dramaturgas irlandesas e norte-irlandesas. Sua pesquisa utiliza-se da prática da tradução de teatro, sempre atrelada ao trabalho colaborativo com um grupo de teatro. É Coordenadora do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) da UFSC e do projeto Emigrant Support Fund do Consulado Geral da Irlanda, que fomenta as atividades do NEI. É professora efetiva do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras (DLLE) e professora permanente dos programas de Pós-Graduação em Inglês (PGI) e de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), ambos da UFSC. Dentre suas publicações mais recentes, estão a edição temática da *Cadernos de Tradução* sobre tradução de teatro, co-editada com Ruth Bohunovsky (no prelo, março de 2023), os livros *Theatre, Performance and Commemoration*, co-editado com Miriam Haughton e Pieter Verstraete (Methuen/Bloomsbury, no prelo, maio de 2023) e *Teorias da tradução: de 1990 a 2019* (EdUFSC, no prelo, 2023). Atualmente, está finalizando sua tradução de *Override*, de Stacey Gregg (2013), que será produzida pela Cia Ludens (São Paulo, 2023) e está adaptando o conto “Como criar a sua própria sereia”, de Marina Carr (1996) para radioteatro, como parte de sua pesquisa pós-doutoral junto à University College Dublin e à Universidade de Brasília.